



**O
VALENTE
NÃO É VIOLENTO**



Este projeto é financiado
pela União Europeia

Plano de aula 2 – Violências e suas interfaces

No mundo inteiro, as diferentes formas de violência são responsáveis por adoecimento, sofrimento, perdas e mortes. É um fenômeno social de grande dimensão que afeta todas as sociedades, das mais pobres às mais abastadas. Na história da humanidade, não se conhece sociedade alguma isenta de violências. Trata-se de um fenômeno histórico, presente em todas as épocas, se apresentando das mais diferentes formas. É, também, um fator humano e social que consiste no uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar danos a outras pessoas, grupos e coletividades (MINAYO e CARPURCHANDE, 2011).

Uma das ideias mais recorrentes na nossa cultura em relação à violência de gênero é de que os homens seriam naturalmente violentos e que a violência masculina estaria centrada na biologia. Nessa perspectiva, acredita-se que os homens nasceriam com uma predisposição para a violência. É como se os homens fossem naturalmente violentos! Essa noção estaria associada ao fato que, em nossa sociedade, são os homens aqueles que mais se envolvem em situações de violência.

Porém, essa ideia é equivocada. Se compreendermos que a violência é uma construção social e que, portanto, não é um atributo de nascença e, sim, algo que se aprende/desenvolve ao longo da vida, não existem pessoas predispostas à violência. O que existe são condições sociais e estruturais que favorecem a produção de contextos e situações de violência. Ou seja, os homens não são naturalmente violentos e se eles aparecem em várias estatísticas como aqueles que mais cometem atos de violência, isso está relacionado aos seus processos de socialização e não à sua natureza!

Para Minayo e Carpurchande, a violência de gênero *constitui-se em formas de opressão e de crueldade nas relações entre homens e mulheres, estruturalmente construídas, reproduzidas no cotidiano e geralmente sofridas pelas mulheres. Esse tipo de violência se apresenta como forma de dominação e existe em qualquer classe social, entre todas as raças, etnias e faixas etárias. Sua expressão maior é o machismo naturalizado na socialização que é feita por homens e mulheres. A violência de gênero que vitima*

sobretudo as mulheres é uma questão de saúde pública e uma violação explícita aos direitos humanos”
(2011, p. 36).

Neste plano de aula, discutiremos diferentes conceitos e tipos de violência, buscando nos marcos legais e leis nacionais pelas formas de lidar com essas situações.

Aula 1 – De que violências estamos falando?

Objetivos	Duração	Materiais
Identificar as diferentes formas de violência, a partir de situações próximas ao universo de adolescentes e jovens. Compreender criticamente as manifestações da violência virtual.	50 minutos	Quadro e canetões

Passo a passo

1. Inicie a atividade afirmando que, geralmente, quando falamos em violência pensamos em pessoas malvadas que agredem, roubam, matam e sequestram.
2. Entretanto, se prestarmos atenção, veremos que existem outras formas de violência e que elas estão presentes o tempo todo nas relações entre as pessoas. Por exemplo:
 - ✓ *quando um pai ou uma mãe bate em um filho ou uma filha;*
 - ✓ *quando uma pessoa se utiliza de outra – por meio da autoridade, da ameaça, da diferença de idade – para obter prazer sexual;*
 - ✓ *quando uma pessoa trata a outra como coisa, impedindo que a vontade, o desejo e a atividade do outro seja concretizada;*
 - ✓ *quando características como raça/etnia, sexo, origem e idade, diversidade sexual, servem para justificar grosserias e preconceitos. (CHAUÍ, 1999)*
3. Peça que os/as participantes pensem em algumas violências que acontecem na escola e na comunidade e escreva-as em um papel grande. Quando se esgotarem as contribuições, abra para o debate a partir das seguintes perguntas?
 - ✓ *Como vocês definiriam violência?*
 - ✓ *Por que as violências existem?*
 - ✓ *Como diminuir as situações de violência na escola e na comunidade? O que nós podemos fazer?*
 - ✓ *Como podemos trabalhar com esse tema no Ensino Médio?*
4. Registre as contribuições no quadro e explique o que é *violência*, de acordo com a Organização Mundial da Saúde. (Folha de apoio 1).

Folha de apoio 1 – O que é violência?

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como o *uso da força física ou do poder intencionalmente e pode ser contra si mesmo, contra outras pessoas ou contra um grupo ou uma comunidade. Considera-se violência como toda ação que resulte ou possa resultar de lesão, morte, problemas psicológicos e privação de alguma coisa – educação, saúde, liberdade etc.*

Ainda de acordo com a OMS, existem três tipos de violência:

Interpessoal – é aquela infligida por outra pessoa ou grupo. Pode ser dividida em duas subcategorias: violência da família e parceiros íntimos; violência comunitária.

Autoinfligida – é a violência contra si mesmo, subdividida em comportamento suicida, pensamentos suicidas e tentativas de suicídio – e atos de automutilação.

Coletiva – dividida em violência social, violência política e violência econômica, este tipo de violência pode indicar a existência, por exemplo, de crimes de ódio cometidos por grupos organizados, atos terroristas, guerras e conflitos armados, ou ainda, a violência do próprio Estado. Pode indicar, também, a forma como somos tratados pelas instituições prestadoras de serviços públicos como hospitais, postos de saúde, escolas, delegacias, judiciário etc.

Fonte: PINHEIRO, Sérgio. ALMEIDA, Guilherme. **Violência Urbana**. São Paulo: PubliFolha, 2003

Aula 2 - Manifestações da violência de gênero no dia a dia de adolescentes e jovens

Objetivos	Duração	Materiais
Identificar situações de violência na escola e na comunidade contra as mulheres, por meio da criação de pequenos vídeos sobre formas de prevenção.	50 minutos	Computador Revistas velhas, fita crepe, cartolina, cola.

Passo a passo

1. Organize os/as participantes em oito grupos e entregue uma tira de papel (ver folha de apoio) com a descrição de oito tipos de violência.
2. Explique que a ideia é focar em alguns tipos de violência contra a mulher que acontecem no cotidiano das escolas, famílias, ambientes de trabalho e da comunidade, enfatizando que muitas dessas violências são ainda “**invisíveis**”, expondo a mulher a uma situação de dupla vulnerabilidade (Pitanguy, 2014). Vamos, portanto, analisar alguns tipos de violência mais corriqueiras e que, muitas vezes, não são reconhecidas como tal.
3. Solicite que se reúnam em grupos e que construam uma situação de violência, a partir das definições apontadas na filipeta e que, ao final de 15 minutos apresentem para o grupo.
4. Terminadas as apresentações, peça que voltem a se reunir e que elaborem um texto abordando estas situações: violência institucional, violência na família, violência de gênero, violência simbólica, *bullying* e *cyberbullying*.
5. Quando os grupos terminarem, proponha que se juntem e que criem um blog a partir das reflexões de cada grupo. Depois de pronto o blog, solicite que disponibilizem o endereço eletrônico para seus/suas colegas e amigos/as.
6. Encerre reforçando que certas violências são, muitas vezes, vistas como uma “brincadeira”, “bobagem”, uma forma de “zoar com a vida de outras pessoas”. No entanto, mesmo as “pequenas violências”, ao contrário do que muita gente pensa, resultam em perda da autoestima, sensação de fracasso, dificuldades de relacionamento, evasão escolar, readaptação de funcionários, dentre outras.

Folha de apoio –Violências

Violência institucional - é aquela exercida nas/pelas instituições dos serviços públicos, tanto por alguma ação discriminatória, quanto pela omissão do atendimento. Por exemplo, uma garota de 15 anos vai a um posto de saúde para solicitar um método contraceptivo e quem a atende diz que ela não tem idade para fazer sexo e que irá contar para a sua mãe.

Violência intrafamiliar – é o tipo de violência física ou psicológica que acontece no âmbito familiar. No caso das meninas, por exemplo, elas podem ser responsabilizadas pelos cuidados com os irmãos ou irmãs mais novas e pela arrumação da casa.

Violência simbólica - é um tipo de desvalorização das meninas e mulheres, colocando-as em posição de inferioridade frente aos meninos e homens. Por exemplo: dizer que as meninas não são boas em matemática porque não possuem as mesmas capacidades abstratas que os meninos.

Bullying – são violências recorrentes por meio de insultos e humilhações presenciais e constantes. Entre os meninos, as manifestações de bullying tendem a ser mais expansivas, agressivas. Já no universo feminino este tipo de violência se apresenta de forma mais velada. As manifestações entre elas podem ser fofocas, boatos, exclusão (Fante, 2010).

Cyberbullying – pesquisas mostram que o cyberbullying – em que uma pessoa usa internet e aplicativos para telefones celulares para intimidar o outro – tem aumentado nos últimos tempos. Muitos são os relatos em que as meninas deixam de ir à escola e até mesmo tentam o suicídio ao ver suas fotos ou vídeos postados na rede (Fante, 2015).

Aula 3 – Letra e música

Objetivos	Duração	Materiais
Facilitar o reconhecimento das violências simbólicas existentes no cotidiano, identificando situações de sexismo presentes em letras de músicas.	Duas aulas com ± 50 minutos cada.	Computador com acesso à internet.

Passo a passo

1. Informe ao grupo que nessa aula a ideia é conhecer um pouco a história da música brasileira.
2. Distribua a folha de apoio “Breve história da música no Brasil e peça que se reúnam em grupos de quatro pessoas.
3. Informe que a tarefa é a de ler essa linha do tempo e preenchê-la, no seu final, com as características das músicas que adolescentes e jovens de 2015 preferem. Peça que descrevam as músicas atuais, tal qual a de outras épocas.
4. Ao final de 15 minutos, solicite que cada grupo apresente suas conclusões e registre-as no quadro ou em uma folha grande de papel.
5. Voltando para os grupos, peça que façam uma busca na *internet* sobre letras de músicas atuais que tragam mensagens estereotipadas sobre as mulheres e os homens. Por exemplo, a música **Loira Burra** de Gabriel, o pensador: *Existem mulheres que são uma beleza / mas quando abrem a boca, hum, que tristeza/ (...) bundinha empinada pra mostrar que é bonita / e a cabeça parafinada pra ficar igual paqueta / Loira burra, loira burra, loira burra, loira burra...*. Ou ainda na letra da música **Me Lambe, dos Raimundos**: *Me dê agora seu telefone, outro dia a gente se liga/ Eu quero te levar pra onde dá um frio na barriga/ Me fala a verdade...quantos anos você tem?/ Eu acho que com a sua idade/ Já dá pra brincar de fazer neném...*
6. Depois de localizadas as músicas sexistas, peça que os grupos voltem a se reunir, modificando a letra da música, tornando-as mais igualitárias. Lembre-se que, muitas vezes, quando cantamos, dançamos ou simplesmente ouvimos algumas músicas, não percebemos a forma como homens e mulheres são apresentados neste universo.
7. Encerre explicando que a música e a letra das canções são consideradas como uma prática cultural e humana, fazendo parte de todas as civilizações ou agrupamentos. No entanto, muitas delas reproduzem estereótipos de gênero, raça/etnia, classe social, geracional, orientação sexual e identidade de gênero. Vale reforçar que existe um tipo de violência – a simbólica – que se encontra presente nas músicas, propagandas etc. que naturalizamos e muitas vezes não percebemos como violência.

Folha de apoio – Linha do tempo: uma breve história da música no Brasil

<p>Entre os séculos XVI e XVIII</p>	<p>As cantigas populares, os sons de origem africana, fanfarras militares, músicas religiosas e músicas eruditas europeias. Também contribuíram, neste caldeirão musical, os indígenas com seus típicos cantos e sons.</p>
<p>Séculos XVIII e XIX</p>	<p>Nas cidades, que estavam se desenvolvendo e aumentando demograficamente, dois ritmos musicais marcaram a história da MPB: o lundu e a modinha. O lundu, de origem africana, possuía um forte caráter sensual e uma batida rítmica dançante. Já a modinha, de origem portuguesa, trazia a melancolia e falava de amor numa batida calma e erudita.</p>
<p>Segunda metade do século XIX</p>	<p>Surge o Choro ou Chorinho, a partir da mistura do lundu, da modinha e da dança de salão europeia. Em 1899, a cantora Chiquinha Gonzaga compõe a música Abre Alas, uma das mais conhecidas marchinhas carnavalescas da história.</p>
<p>Início do século XX</p>	<p>Começam a surgir as bases do que seria o samba. Dos morros e dos cortiços do Rio de Janeiro, começam a se misturar os batuques e rodas de capoeira com os pagodes e as batidas em homenagem aos orixás. O carnaval começa a tomar forma com a participação, principalmente de ex-escravos.</p> <p>Em 1917, Ernesto dos Santos, o Donga, compõe o primeiro samba que se tem notícia: <i>Pelo Telefone</i>.</p>
<p>Décadas de 1920 e 1930</p>	<p>Com o crescimento e popularização do rádio, a música popular brasileira cresce ainda mais. Nesta época inicial do rádio brasileiro, destacam-se os seguintes cantores e compositores: Ary Barroso, Lamartine Babo (criador de O teu cabelo não nega), Dorival Caymmi, Lupicínio Rodrigues e Noel Rosa. Surgem também os grandes intérpretes da música popular brasileira: Carmen Miranda, Mário Reis e Francisco Alves.</p>
<p>Décadas de 1980 e 1990</p>	<p>Começam a fazer sucesso novos estilos musicais, que recebiam fortes influências do exterior. São as décadas do rock, do punk e da new wave. O show Rock in Rio, do início dos anos 80, serviu para impulsionar o rock nacional. Com uma temática fortemente urbana e tratando de temas sociais, juvenis e amorosos, surgem várias bandas musicais. É deste período o grupo Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Titãs, Kid Abelha, RPM, Plebe Rude, Ultraje a Rigor, Capital Inicial, Engenheiros do Hawaii, Ira! e Barão Vermelho. Também fazem sucesso: Cazuzza, Rita Lee, Lulu Santos, Marina Lima, Lobão, Cássia Eller, Zeca Pagodinho e Raul Seixas.</p>

<p>1940</p>	<p>Destaca-se, no cenário musical brasileiro, Luiz Gonzaga, o "rei do Baião". Falando do cenário da seca nordestina, Luiz Gonzaga faz sucesso com músicas como, por exemplo, Asa Branca e Assum Preto.</p> <p>O samba-canção, com um ritmo mais calmo e orquestrado, trouxe canções que falavam principalmente de amor, destacando-se neste contexto musical: Dolores Duran, Antônio Maria, Marlene, Emilinha Borba, Dalva de Oliveira, Angela Maria e Caubi Peixoto.</p>
<p>Década de 1950 e início da década de 1960</p>	<p>Surge a Bossa Nova, um estilo sofisticado e suave. Destaca-se Elizeth Cardoso, Tom Jobim e João Gilberto. A Bossa Nova leva suas músicas para o exterior, fazendo grande sucesso, principalmente nos Estados Unidos.</p> <p>Em 1962 um show intitulado "New Brazilian Jazz Music" aconteceu em Nova York, colocando a música brasileira em evidência.</p>
<p>Meados da década de 1960</p>	<p>A televisão começou a se popularizar em, influenciando na música. Nesta época, a TV Record organizou o Festival de Música Popular Brasileira. Nestes festivais são lançados Milton Nascimento, Elis Regina, Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso e Edu Lobo. Neste mesmo período, a TV Record lança o programa musical Jovem Guarda, onde despontam os cantores Roberto Carlos e Erasmo Carlos e a cantora Wanderléa.</p>
<p>Década de 1970</p>	<p>Nesta década, vários músicos começam a fazer sucesso nos quatro cantos do país. Nara Leão grava músicas de Cartola e Nelson do Cavaquinho. Vindas da Bahia, Gal Costa e Maria Bethânia fazem sucesso nas grandes cidades. O mesmo acontece com Djavan (vindo de Alagoas), Fafá de Belém (vinda do Pará), Clara Nunes (de Minas Gerais), Belchior e Fagner (ambos do Ceará), Alceu Valença (de Pernambuco) e Elba Ramalho (da Paraíba). No cenário do rock brasileiro destacam-se Raul Seixas e Rita Lee. No cenário funk aparecem Tim Maia e Jorge Ben Jor.</p>
<p>Década de 1980</p>	<p>O rock desta época se caracterizou por influências variadas, indo desde a chamada new wave, passando pelo punk e pela música pop emergente do final da década de 70. Em alguns casos, tomou por referência ritmos como o reggae e a soul music. Suas letras falavam, na maioria das vezes, sobre amores perdidos ou bem-sucedidos, não deixando de abordar algumas temáticas sociais.</p>
<p>Década de 1990</p>	<p>Marcados pelo crescimento e sucesso da música sertaneja, um forte caráter romântico, desponta no cenário musical: Chitãozinho e Xororó, Zezé di Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo e João Paulo e Daniel.</p>

	O rap também se destaca nestes anos com Gabriel, o Pensador, O Rappa, Planet Hemp, Racionais MCs, dentre outros.
Década de 2000	Esta década causou uma verdadeira revolução no mundo da música, quebrando certos paradigmas. Os aparelhos de reprodução musical como mp3players, Ipods e até mesmo celulares contribuíram de forma direta para que essa mudança acontecesse. Diferente das décadas anteriores que possuíam somente um estilo predominante, os anos 2000 marcaram a história por fazer uma grande miscigenação de estilos, causando a explosão do Pop e trazendo para mídia outros ritmos como Hip Hop, R&B, Rock e Dance Music.
Década de 2010	Atenção: Neste quadro, a ideia é que vocês completem esta linha do tempo com músicas e letras dos/as cantores/as e bandas atuais, salientando as que falam de amor, sexo, sexualidade e violência.

Fontes consultadas: História da Música Brasileira - Breve Resumo (<http://discotecaria.blogspot.com.br/2012/05/historia-da-musica-brasileira-breve.html>); MPB - Música Popular Brasileira: História da MPB, estilos musicais, cantores brasileiros, músicos famosos do Brasil, grupos de rock nacional(<http://www.suapesquisa.com/mpb/>); História da música (<http://www.infoescola.com/musica/historia-da-musica/>)

Leia +

A publicação História Sexual da MPB - A Evolução do Amor e do Sexo na Canção Brasileira de Rodrigo Faour, reuniu, pela primeira vez num mesmo livro, as canções mais expressivas que relatam a evolução comportamental do brasileiro nos temas de amor e sexo, no decorrer dos últimos dois séculos e meio. Do maxixe ao funk, das músicas sobre fossa e amores mal resolvidos aos temas eróticos dos anos 80, de tabus como a virgindade às canções com temática gay. Dividida em sete capítulos, o livro destaca 'O amor na MPB' (falando do amor mal resolvido que permeou a maior parte das letras românticas de nossa música até os anos 60); 'a evolução da mulher', 'a sensualidade e o erotismo', 'o duplo sentido e a sacanagem', 'as canções de apelo gay', 'as transgressões em temas de amor e sexo' e, finalmente, um capítulo em que compara o escândalo provocado pela dança do maxixe na virada do século XIX para o XX, com o funk carioca, entre os anos 90 e o momento atual, mostrando que a hipocrisia continua presente em assuntos de sexualidade, apesar de toda a revolução sexual dos últimos 40 anos.

Editora Saraiva

Disponível nas livrarias

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Uma ideologia perversa**. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 mar. 1999. Caderno Mais, p. 3.

CLAM. Curso de especialização em gênero e sexualidade/Organizadores: Carrara, Sérgio [et al]. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília, DF : Secretaria Especial de Políticas Públicas para as Mulheres, 2010.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Uma violência invisível**. Entrevista especial com Jacqueline Pitanguy. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/534396-uma-violencia-invisivel-entrevista-especial-com-jacqueline-pitanguy>. Acesso em 12 de julho de 2015.

MINAYO, M. C. S.; CAPURCHANDE, R.D. A violência faz mal à saúde e à qualidade de vida: conceitos, teorias e tipologias da violência. In: Assis, SG; Constantino, P; Njaine, K; Souza, ER; Minayo, MCS; Teles, N. Capurchande, RD. (Org.). **Impactos da Violência: Moçambique e Brasil**. 1a.ed.Rio de Janeiro: ENSP/Universidade Eduardo Mondlane, 2011. Disponível em:http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_mulher/capacitacao_rede%20modulo_2/205631-conceitos_teorias_tipologias_violencia.pdf

PINHEIRO, Sérgio. ALMEIDA. Guilherme. **Violência Urbana**. São Paulo: PubliFolha, 2003.

Revista Nova Escola. **Confira como foi o fórum com Cléo Fante sobre Cyberbullying**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/cleo-fante-forum-cyberbullying-572619.shtml>. Acesso em 12 de julho de 2015.

SANTOS, Marcos J. M. **Estereótipos, preconceitos, axé-music e pagode**. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia - UFBA. Salvador, BA, 2006.

WILD, Bianca. Plano de Aula - **Estereótipos e estigmatização: Discriminação e preconceito; Multiculturalismo e políticas de reconhecimento**. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/plano-de-aula-estereotipos-e-estigmatizacao-discriminacao-e-preconceito-multiculturalismo-e-politicas-de-reconhecimento/#qs.d6e1bcde1a7442f1aa9d9189f7d0bc7a>.